

Imaginários midiáticos de um evento crítico: o “estuprador serial” de Córdoba (Argentina)¹

Jimena Maria Massa

Mestre em Antropologia Social (Universidade Federal de Santa Catarina)

jimenamassa@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa o lugar dos meios de comunicação na construção de um evento crítico publicamente conhecido como “o estuprador serial de Córdoba” (Argentina), um caso protagonizado por um homem que abusou de 93 mulheres nessa cidade. Dentre os tópicos que funcionam como lógicas organizadoras do discurso jornalístico e perpassam a cobertura se destacam: a consideração do estupro como um sofrimento repentino e como quebra do cotidiano, a caracterização das mulheres ao mesmo tempo como vítimas e corajosas, e a representação do homem a partir de imagens animalizadas ou patologizadas. As ideias aqui apresentadas – desenvolvidas no contexto da antropologia da mídia – fazem parte de uma etnografia das matérias publicadas e sustentam a premissa de que o discurso midiático é um conjunto de representações que tanto relatam quanto constroem mundos sociais.

Palavras-chave: evento crítico; estupro; meios de comunicação; imaginários; gênero.

MUCHAS CHICAS VIOLADAS buscan consuelo hundiéndose en el silencio, rogando para que el olvido llegue pronto. Ana eligió hacer ruido, involucrarse, no olvidar para que no vuelva a ocurrirle a nadie más. Su valentía mete presión a las autoridades, indica el camino, exige. La valentía de Ana merece el consuelo de la justicia. (Clarín, 18/10/2004)

A coluna de opinião publicada no jornal *Clarín*, referindo-se à denúncia pública de Ana, uma das vítimas do “estuprador serial”² de Córdoba – um homem que estuprou 93 mulheres³ nessa cidade – constitui um pequeno fragmento da enorme cobertura midiática realizada em torno do maior caso de violência sexual registrado na Argentina. Trata-se não só de um caso paradigmático pela quantidade de episódios de violência de gênero, mas também pelos diversos processos e relações gerados.

1. Localizada no centro do país, Córdoba é a segunda cidade em importância da Argentina, com 1,5 milhões de habitantes. É reconhecida por sediar uma das universidades mais antigas do continente e por reunir uma enorme população estudantil.

2. Cada vez que “estuprador”, “estuprador serial” ou “o serial” aparecer entre aspas significa que se trata de uma categoria nativa; ou seja, expressões utilizadas no discurso jornalístico para se referir ao homem que estuprava as mulheres e cuja identidade era ainda desconhecida.

3. Número informado pelo Poder Judiciário de Córdoba e citada no livro *La marca de la bestia* (2005), cuja edição é posterior à cobertura considerada para esta pesquisa. No entanto, existem dúvidas a respeito da existência de outros casos não denunciados, bem como de mais alguns que foram denunciados, mas não comprovados.

Marcelo Sajen, identificado publicamente como “o serial”, estuprou várias dezenas de mulheres – a maioria estudantes – e, após vários meses fugindo da perseguição policial, matou-se em via pública com um tiro na cabeça, na frente dos agentes que estavam prestes a prendê-lo. Esse desenlace, acontecido em dezembro de 2004, foi precedido por meses de pânico social, que se tornou evidente nas manifestações de rua, organizadas pelas próprias jovens estupradas, que pediam maior eficiência por parte do Estado para a detenção do “estuprador”.

A análise da construção discursiva que a mídia impressa da Argentina fez desse “evento crítico” (Das, 1995), cujo momento de maior repercussão pública se deu entre setembro e dezembro de 2004, permite mostrar como os imaginários midiáticos contribuíram para que esse acontecimento se tornasse um evento capaz de ressignificar os sentidos nativos da política e de institucionalizar novas modalidades de ação. Permite também – pois as mediações são precisamente retroalimentações – mostrar como esse evento propiciou a criação de novas e diversas representações sobre os gêneros e as formas de vivenciar as violências.

Partindo da premissa de que a discursividade⁴ midiática tem estreita relação com as múltiplas mudanças acontecidas a partir da denúncia pública de Ana, este artigo aborda os imaginários de gênero e violência que os jornais *La Voz del Interior* (editado em Córdoba) e *Clarín* (editado em Buenos Aires, mas de circulação nacional) veicularam durante a cobertura do caso. As ideias apresentadas, situadas no contexto da antropologia da mídia, fazem parte de uma etnografia⁵ dos textos jornalísticos publicados (um *corpus* de 220 matérias), que entende o discurso midiático como um conjunto de representações que tanto relatam quanto constroem mundos sociais.

Dentre os tópicos que funcionam como lógicas organizadoras e perpassam a cobertura, marcando o *ethos* do discurso mediático em torno do caso, destaco a consideração do estupro como sofrimento repentino e quebra do cotidiano, a caracterização das mulheres ao mesmo tempo como vítimas e corajosas, bem como a representação do homem a partir de imagens animalizadas ou patologizadas. A construção social do medo (Reguillo, 1996; Eckert, 2002), com ênfase na (in)segurança urbana e nas respectivas medidas de gestão do espaço público, é outro tópico identificado. Embora não seja desenvolvido neste ar-

tigo, será apenas assinalado como mais um dado que permite compreender a legitimidade que obtiveram as reivindicações das mulheres.

O estupro contra a mulher é “um ataque sexualizado e genérico que impõe a diferença sexual mediante a violência” e, por sua vez, a violência do estupro “está sustentada pelos relatos, obsessões e instituições cujo poder deriva não de uma força direita, imutável e invencível, senão de seu poder para estruturar nossas vidas como roteiros culturais que se nos impõem” (Marcus, 2002). Assim, considerando o lugar preponderante do discurso midiático na sociedade contemporânea, cabe indagar que tipos de relatos, obsessões e instituições esse discurso veicula e quais lugares ele prevê para o homem e para a mulher.

Da sexualidade violentada à visibilidade midiática

Quando, nos primeiros dias de setembro de 2004, começou a circular massivamente um *e-mail* escrito por uma jovem universitária de 20 anos, auto-identificada com o nome fictício de Ana, que dizia ter sido estuprada na rua por um homem desconhecido, seu relato provocou um interesse incomum. Ela contava que, na noite de 28 de agosto, tinha sido atacada enquanto caminhava ao encontro de suas amigas. Surpreendida pelas costas, ameaçada de ser “cortada inteira”, foi obrigada a caminhar até um prédio abandonado e depois estuprada na escuridão. O *e-mail* foi enviado a uma lista de amigos, mas se multiplicou rapidamente e chegou a milhares de caixas eletrônicas, inclusive de vários meios de comunicação, sendo publicado na edição de 6 de outubro de *Clarín* e na de 7 de outubro de *La Voz del Interior*. O texto é muito extenso, mas os seguintes parágrafos ilustram a eloquência do relato:

Fue lo más denigrante, espantoso y humillante que me tocó vivir en mis 20 años de vida. La verdad es que después de eso pensé que (él) me iba a matar... me dijo que no lo denunciara porque la única que iba a pasar vergüenza era yo, porque a él no lo iban a agarrar.

No anden solas, no se descuiden, no se confíen... El tipo está en Nueva Córdoba, está suelto, actúa in-

4. Trata-se de pensar no discurso como o resultado de um processo diferencial, relacional, incompleto, instável e aberto; noção que se insere numa tradição (Foucault, 1990, 1991, 1995, 1996; Laclau, 1993) que concebe os jogos de significação de maneira lógica, múltipla, heterogênea e plural.

5. Os dados e interpretações incluídos neste artigo são produto da pesquisa realizada para minha dissertação de mestrado, apresentada no PPGAS-UFSC, sob orientação da Profa. Dra. Carmen Silvia Rial, com o título *Saiu no jornal: a construção da violência de gênero no discurso midiático sobre “o estuprador serial” de Córdoba (Argentina)*.

discretamente y lo va a seguir haciendo. Sabe exactamente lo que hace, cómo hablarte, qué decirte y cómo convencerte. No tiene límites porque el orga- nismo que se supone que se los ponga (la policía), no lo hace. No se olviden que no fui la primera ni lamentablemente la última...

Além do espanto automático que qualquer notícia de estupro desperta, havia algo nessa denúncia íntima e pessoal que provocou um impacto singular: uma potente combinação de susto coletivo, solidariedade espontânea e indignação popular. As palavras de Ana, oriunda de Salta (província ao norte do país), geraram um estado de alarme geral. Por um lado, não era comum que uma mulher divulgasse um drama dessas características e, menos ainda, com esse nível de detalhamento. Por outro, ela afirmava que o esturador era “o serial” que já tinha cometido vários crimes na mesma zona e levantava a suspeita de se tratar de um policial ou de alguém com proteção policial.

Uma das primeiras consequências da visibilidade do drama de Ana foi a possibilidade, para várias mulheres que sofreram estupros, de compartilhar a dor. Como sustenta Das (1995), nos “eventos críticos” existe uma possibilidade de comunhão na dor, que logo pode constituir a força motriz de outros processos. E os mais de mil *e-mails* que Ana recebeu como resposta ao seu testemunho, mais as diversas ações de reivindicação desenvolvidas pelas jovens nos meses seguintes, demonstram até que ponto o estímulo da experiência compartilhada pode produzir uma energia criativa e transformadora: “Los mensajes de otras víctimas de violación fueron para ‘compartir dolores y tratar de encontrar soluciones para vencer el terrible miedo, la angustia y la vergüenza’, detalló Alicia, una estudiante compañera de Ana que la ayudó con las respuestas” (*Clarín*, 7/10/2004).

Como acontece em muitos grupos de vítimas,⁶ aquilo que parecia ser individual ou pessoal na experiência do grupo ganhou inteligibilidade e, resignificando suas vivências nesse novo contexto, as mulheres teriam inventado estratégias de resistência e empoderamento. Essas estratégias abrangem mudanças no nível individual, como a decisão de romper o silêncio para falar daquilo considerado íntimo/ privado, a incorporação de medidas de autoproteção para se defender de um eventual ataque (o aprendizado de técnicas de defesa pessoal, o uso de facas, gases paralisantes e apitos), ou a vontade de se mobilizar para reivindicar publicamente, e também no nível coletivo, onde se registra a formação de um novo sujeito político – a organização não governamental Podemos Hacer Algo

– e o surgimento de um clima de solidariedade e participação social que forjou ações de conjunto, inclusive para além dessa nova organização civil.

Liderada por Ana e por um grupo de amigas próximas, Podemos Hacer Algo surgiu inicialmente para exigir a captura de Sajen e reivindicar medidas de segurança no espaço público. No entanto, pouco depois se tornou uma associação civil de luta contra a violência sexual que ainda hoje oferece assistência às vítimas e desenvolve campanhas de prevenção contra essa classe de delitos. Entre outras mudanças institucionais, o trabalho da associação resultou na fundação da Unidad Judicial de la Mujer, um órgão público criado em Córdoba logo após o desenlace do caso, integrado exclusivamente por mulheres para a recepção de denúncias sobre violência sexual e para assessoramento das vítimas na realização dos trâmites legais e sanitários posteriores.

Verifica-se, então, a existência de uma “comunidade moral” (Das, 1995) que, ao exigir justiça e ao se confrontar com o Estado, foi deslocada do mundo privado e “criada” como comunidade política. Nesse sentido, é possível pensar nesse “evento crítico” como capaz de mostrar a tensão entre, de um lado, as tentativas do Estado de controlar a identidade de seus membros, inscrevendo-os na categoria de “vítimas”⁷ e, de outro, os esforços das comunidades para transcender esse lugar de suposta passividade e lutar pelo reconhecimento.

Sobre as diversas tentativas do Estado, é suficiente mencionar a insustentável decisão do governo provincial de realizar exames de DNA em todos os policiais estatais (11.500 pessoas), com a intenção de descartar a hipótese da participação de integrantes das forças de segurança nos crimes sexuais. As autoridades procuravam desenhar soluções por meio dessas medidas insólitas e de outros golpes de efeito político – como o oferecimento de recompensa em dinheiro para quem fornecesse dados sobre “o esturador” – que se multiplicavam à medida que a organização das mulheres ganhava solidez e visibilidade:

La búsqueda del violador se convirtió en una obsesión para el Gobierno en el último fin de semana de agosto, cuando se conoció la carta de Ana, una de las víctimas del depravado. (*La Voz del Interior*, 29/12/2004)

En la investigación hubo un antes y un después desde que Ana, una de las víctimas, “nacionalizara” el caso a través de un correo electrónico que recorrió el país y el mundo. (*La Voz del Interior*, 15/12/2004)

6. Ver as experiências de grupos de mulheres no enfrentamento à violência de gênero relatadas por Meneghel et al. (2005).

7. As mulheres que sofreram os estupros foram, sem dúvida, vítimas da violência sexual. Mas, a partir da decisão de confrontar com o Estado nos termos aqui descritos, não foram apenas vítimas; foram, nesse sentido, agentes de mobilização social que “atuaram sobre o mundo”.

A quebra do silêncio sobre a violência sexual, determinada primeiramente pela agência de Ana e depois por outras jovens que a imitaram, é um dos traços peculiares desse caso, que, como era de se esperar, foi explorado pela mídia, constituindo, de forma imprevisível, um valioso testemunho autobiográfico, inusitado nesses casos. Em termos jornalísticos, Ana era uma fonte privilegiada que oferecia informação “de primeira mão”. Nesse contexto, o discurso jornalístico, ao invés de aparecer como o habitual “intruso” que violenta a intimidade das vítimas, pareceu identificar-se com o sofrimento das mulheres abusadas, outorgando-lhes reconhecimento e apoiando sua luta.

Ao contrário da invisibilidade que caracteriza os crimes sexuais (Saffioti & Almeida, 1995; Rial, 2007), nessa ocasião as mulheres decidiram contar suas histórias e expor sua dor de forma incomum. Nesse sentido, o caso pode ser considerado um ponto de ruptura, pois instaurou um modo particular de relação entre as vítimas e a mídia, já que foram elas (ou algumas delas) que recorreram à imprensa para conseguir a atenção governamental em prol da prisão do estuprador, mudando inclusive o modo habitual de produção jornalística, ou, pelo menos, o modo habitual para casos de violência sexual que, em geral, estão cercados pelo ocultamento derivado da vergonha e do medo. Dessa vez, as mulheres geraram seu próprio circuito de comunicação, através de cadeias de *e-mails*, e articularam uma maneira singular de funcionar como fontes de informação, fazendo ouvir sua voz e, simultaneamente, preservando sua privacidade.⁸

O estupro: uma dor que desordena a vida

[...] la noche estaba bárbara y quedamos con unas amigas en que salíamos [...] me bañé, me cambié, me pinté y salí [...]. Caminando por Chacabuco me di cuenta que venía alguien atrás mío. (*E-mail* enviado por Ana a múltiplos contatos em setembro de 2004)

A violência surpreendeu Ana numa rua do movimentado bairro Nueva Córdoba, onde moram centenas de estudantes que circulam em grupos, frequentam os bares locais e enchem o lugar de música, conversas e risos. O sofrimento repentino apareceu lá, pelas costas e falando baixo.

A narrativa seguinte também transmite a ideia de que a violência pode irromper em qualquer momento do dia, no meio de uma atividade rotineira, na vida de qualquer mulher:

La joven fue sorprendida en la calle desde atrás, como en todos los casos. El desconocido la tomó del pelo, le apoyó una supuesta arma en el cuello [...] y le ordenó que lo abrazara de la cintura. Bajo amenazas, hizo que la joven le practicara sexo oral en la plaza Italia, frente a la Municipalidad de Córdoba y antes de irse le dijo: “No me denuncies, sé dónde buscarte porque estudias odontología”. (*La Voz del Interior*, 23/10/2004)

Os estupros acontecidos em Córdoba, multiplicados inúmeras vezes devido à inoperância policial, mudaram abruptamente e de diversas maneiras a vida de muitas mulheres cujas histórias foram reconstruídas no discurso jornalístico:

– ¿En qué te cambió el ataque? – Sigo siendo yo misma, pero ahora me cuesta la alegría. Tengo miedo de caminar por la calle. De que me miren mucho. Hasta de las viejitas con bastón, si caminan detrás mío. Me volví paranoica. Y me cuesta dormir. (*Clarín*, 18/10/2004).

Dos de las víctimas tuvieron intentos de suicidio: una de ellas es una adolescente que nunca había tenido relaciones sexuales y quedó embarazada. Ella no hizo la denuncia, regresó a su ciudad y perdió el embarazo. (*Clarín*, 18/10/2004)

[...] varias abandonaron la carrera y volvieron a su pueblo porque tenían terror de volver a la Ciudad Universitaria, uno de los lugares predilectos del violador serial. (*La Voz del Interior*, 23/10/2004)

Ser vítima de um crime violento, explica Caldeira (2003), cria uma desordem na experiência vivida e provoca uma desestruturação do mundo, um rompimento com as formas de ver o espaço social outrora interpretado como calmo e tranquilo. Vivenciar a violência provoca um medo inacabável e, ao mesmo tempo, transformador, até o ponto de alterar os significados atribuídos, por exemplo, aos espaços sociais de moradia ou estudo, tal como se verifica nesse caso com respeito ao bairro Nueva Córdoba e à Ciudad Universitaria: “[...] Ya no andan solas por las calles. Muchas están mirando de reojo todo el tiempo. Van preocupadas y apuran el paso para llegar cuanto antes

8. A privacidade é entendida aqui como sinônimo de anonimato ou de resguardo da identidade. Ana e as outras mulheres que decidiram falar se comunicavam com a mídia por meio do correio eletrônico e só admitiram conversar pessoalmente com os jornalistas em encontros individuais, sem câmaras. A maioria das entrevistas, no entanto, foi realizada por telefone.

a casa. Observan con desconfianza, sospechan hasta de su sombra, tienen ojos prejuiciosos” (*La Voz del Interior*, 20/12/2004).

A mudança de hábitos – não caminhar sozinhas pela rua, não sair à noite, não assistir a aulas em horário noturno, entre outros – também foi profusamente descrita pela mídia, procurando ilustrar como a irrupção da violência teve efeitos concretos na vida cotidiana das mulheres. Em todos os casos, trata-se de diversas manifestações do medo, pois o fantasma do estupro começou a funcionar como forte condicionante para sair, andar, fazer, planejar...

Como medios de defensa, las jóvenes poseen en sus carteras cuchillos de cocina, aerosoles de gas pimienta (los cuales están agotados) o bien silbatos. También, muchas se están interesando en la práctica de artes marciales, por si el depravado las aborda por detrás. Pero la desesperación y la desconfianza de las chicas no cesa y la manía crece. [...] Pese a que la zona se pobló de policías, las chicas siguen con miedo. A algunas las aterra que no puedan dar con el serial. (*La Voz del Interior*, 20/12/2004)

O espanto provocado pelo estupro foi objeto de detalhadas narrativas que, conforme a espetacularização da dor que caracteriza boa parte da discursividade midiática, ocuparam lugar de destaque nos jornais desses meses. No entanto, a descrição dos medos e aflições individuais misturou-se com o relato das ações e reivindicações dos movimentos e das estratégias das vítimas, que começavam a configurar um quadro de situação tão digno de atenção quanto a alarmante sucessão de estupros.

Ruidosa protesta en Córdoba por un violador
Convocadas por la agrupación Podemos Hacer Algo, que lidera Ana (una chica violada que decidió hacer público su caso a través de un e-mail que publicó *Clarín*), decenas de chicas con sus familiares y amigos, caminaron haciendo “ruido”, como marcaba la consigna de la movilización. [...] Desde un altavoz se escuchaba a Ana leyendo un texto [...] “Que no nos trague el silencio, que nadie calle nuestros miedos. Que nadie nos haga creer que no se puede. Hagamos sonar los silbatos. Que este sonido llegue a los responsables de nuestra seguridad”, decía el texto. (*Clarín*, 28/10/2004)

As experiências de descontinuidade no cotidiano e as vulnerabilidades retratadas no discurso jornalístico engendraram formas de sociabilidade e práticas sociais impensadas. A irrupção da violência e o sofrimento repentino que ela provoca resultaram em novas formas de ação que ressignificaram os sentidos nativos da política e transformaram as identidades so-

ciais. Assim, a noção de “evento crítico”, cunhada por Das (1995) para descrever acontecimentos com características desse tipo, torna-se produtiva ao pensar novas possibilidades para a experiência vivida pelas mulheres que foram estupradas.

Nesse sentido, primeiramente cabe lembrar que, segundo Sahlins (1990), o evento faz parte da estrutura simbólica de um determinado grupo, mas uma vez acontecido causa uma ruptura de modo que nada continua a ser como era antes. Ou seja, trata-se de um fenômeno contingente que só se torna possível mediante um conjunto estruturado de condições históricas produzidas em certo contexto e que, por sua vez, implica uma descontinuidade dessa mesma estrutura. Para Das (1995), entretanto, um “evento crítico” é aquele que institucionaliza novas modalidades de ação que, a princípio, não seriam as esperadas no contexto imediato em que ocorrem. Essas novas modalidades, por sua vez, modificam categorias tradicionais e também resultam em realinhamentos dos atores sociais envolvidos – duas circunstâncias que se verificam neste caso.

As mulheres, vítimas e corajosas

A análise das matérias veiculadas durante a extensa cobertura mostra que, desde o início, o discurso jornalístico sobre o caso garantiu o lugar das vítimas e seu reconhecimento como tais. Por diversas razões abordadas, ao longo da descrição dos sucessivos estupros não se registraram dúvidas, evidenciadas no discurso midiático, sobre o *status* de vítimas das mulheres abusadas. Embora isso pareça uma obviedade, em se tratando de formas de violências contra as mulheres, é um dado que merece destaque.

A violência vivida por mulheres representa um território em debate configurado por diferentes paradigmas, nos quais uns estão mais centrados nas teorias do patriarcado ou da dominação (Mackinnon, 1987; Saffioti & Almeida, 1995) e outros na compreensão da violência como parte da dinâmica relacional, o que implica, entre outros questionamentos, repensar o problema da vitimização (Gregori, 1993; Grossi, 1998a, 1998b; Soares, 2002; Motta, 2006).

Segundo Motta (2006), para muitas feministas, o estupro provoca um dano irreversível, equivalente à “morte” psíquica ou emocional, e a mulher estuprada representa a prova cabal da dominação de um gênero sobre outro, com explicações que remetem inevitavelmente à desvalorização, à subalternidade e à exploração patriarcal. No entanto, e sem questionar a óbvia situação de dominação que os estupros cometidos em Córdoba implicam, é preciso revisar as noções de “morte” ou dano irreversível, pois a princípio

não corresponderiam com as estratégias de resistência e o protagonismo criativo desenvolvido pelas mulheres que sofreram a violência sexual.

Assim, é pertinente recuperar a ideia de que a noção de vitimização pode se tornar uma “faca de dois gumes” (Soares, 2002): por um lado, contribui para dar maior visibilidade ao fenômeno da violência como um instrumento necessário para a sensibilização do Estado – o que se verifica neste caso –; por outro, pode colocar as mulheres numa “camisa-de-força”, relegando-as a uma posição de passividade e submissão. Tal posição, com certeza, não corresponde à capacidade de agência (Ortner, 1997, 2007) demonstrada pelas jovens de Córdoba.

Convém, então, reconhecer nas mulheres a competência para ultrapassar limitações de caráter social e institucional, protagonizar momentos de desordem e resistência, introduzir deslizos nos processos de reprodução social e atuar sobre o mundo. É nesses termos que Ortner (1997, 2007) caracteriza a agência, definida também como “um entendimento de que o sujeito é dotado de uma autoridade social”. Assim, a autora conceitua agência como um fenômeno inserido na estrutura, mas capaz de alterar tal estrutura.

Ana e as outras mulheres não precisaram vencer ninguém a respeito da sua condição, o que acontece com frequência em outros casos de violência sexual. Nesse sentido, cabe pensar na vigência da noção de “vítima genuína” (Figueiredo, 2002) que permeia o imaginário social e implica, fundamentalmente, “bons antecedentes” no comportamento sexual das mulheres e o não consentimento explícito e demonstrável com relação ao ato sexual.

O não consentimento das mulheres estupradas pelo “serial” ficou explícito não só nos respectivos relatos pessoais, mas também no fato de que elas fizeram as denúncias policiais. Por sua vez, por tratar-se de um agressor desconhecido, sem vínculo prévio com as mulheres, a “idoneidade moral” (Coulouris, 2004) delas parece não ter ficado em jogo. De fato, a associação entre a conduta social (relações sexuais prévias) e o “padrão de honestidade” felizmente não fez parte do discurso jornalístico. E, considerando que a superioridade moral das mulheres pode ser negada *a priori*, precisamente por sua condição de mulheres (Melhus, 1990), a ausência desse tipo de referência é um dado relevante.

Também é preciso destacar que um fator determinante para a credibilidade automática do relato de

Ana: o perfil que ela, involuntariamente, encarnou – estudante universitária, branca, de classe média e residente em Nueva Córdoba, um bairro bem conceituado da cidade. Essas características contribuem para delinear o perfil da vítima moralmente aceitável e de boa credibilidade, incluindo vários dos supostos atributos esperados da vítima da violência sexual. Entre eles, a fragilidade e a vulnerabilidade que são, de forma genérica, dispositivos discriminatórios que atentam contra seu direito de igualdade em relação ao homem (Sarti, Barbosa & Suarez, 2006).

La mayoría de las chicas elegidas por el violador son estudiantes universitarias que viven en Nueva Córdoba, delgadas y atractivas. (*Clarín*, 13/10/2004)

La chica tiene características muy parecidas al resto de las víctimas. Es estudiante universitaria, tiene 24 años, es delgada y mide menos de 1,65 centímetros. (*Clarín*, 7/12/2004)

Considerando a existência de lógicas que regem a seleção e o tratamento das notícias, sendo que uma dessas lógicas é a acomodação⁹ ao que se entende por opinião pública (Bourdieu, 1997), é pertinente pensar na eventual correspondência entre as características que os supostos leitores atribuíram às vítimas da violência sexual e as representações que a mídia veiculou em relação às jovens.

Nesse sentido, cabe lembrar que, embora para a lei argentina o estupro tenha deixado de ser considerado um crime “contra a honestidade” e passado, em 1999, a integrar a lista dos chamados delitos “contra a integridade sexual” – mudança que retirou o caráter moralista da qualificação do crime –, no imaginário social, o estupro continua sendo pensado como um ato praticado por um desconhecido perverso contra uma mulher “inocente”¹⁰ que deve manifestar o seu não consentimento de forma contundente. As estudantes universitárias retratadas pela mídia parecem se encaixar nesse imaginário de “inocência”, que, por sinal, se mistura com o de vulnerabilidade: “Courrel (sobrenome do psiquiatra consultado pelo jornal) analizó que el violador serial busca víctimas débiles, como las estudiantes universitarias, porque son susceptibles de sentir el temor que él desea provocarles” (*La Voz del Interior*, 25/10/2004).

9. Tratar-se-ia, segundo Bourdieu (1997), da acomodação a uma série de elementos já presentes nos receptores, os quais são considerados como consumidores e, como tais, não podem ser perdidos. Nesse processo, existem determinadas regras que acabam por constituir censuras subjetivamente instauradas que sequer são percebidas por aqueles que as promovem.

10. A noção de “inocência” remete à de “virgindade”, avaliada como um atributo muito valorizado na consideração das mulheres, especialmente quando jovens. Trata-se de um imaginário presente, inclusive, na qualificação legal dos crimes, já que a “virgindade” das vítimas constituiria uma garantia da “integridade” violentada.

O elogio da valentia

Quais foram os momentos de desordem e resistência protagonizados pelas mulheres que sofreram os estupros em Córdoba? De que forma elas “atuaram sobre o mundo” e tentaram “dar a volta por cima” do trauma? Em princípio, o mero fato de quebrar o silêncio que envolve muitos crimes sexuais, ao narrar o acontecido em primeira pessoa, já constitui uma transgressão aos modos e costumes que caracterizam esses casos. Também a organização das mobilizações de rua exigindo a captura do estuprador, a divulgação por via eletrônica de seu *modus operandi* para evitar novos crimes e a criação de uma rede de contatos entre as próprias mulheres abusadas, seus familiares e amigos são ações de resistência que foram amplamente elogiadas pela mídia.

No entanto, também existem os casos de resistência física e/ou psicológica ao próprio crime do estupro. Ou seja, a possibilidade de que algumas mulheres resistiram fisicamente à violência e conseguiram fugir de Sajen. E ainda que não seja esse o tipo de resistência que aqui interessa analisar, vale assinalar que os (poucos) casos em que as mulheres conseguiram evitar o estupro também foram apresentados na imprensa com termos elogiosos, embora excepcionais. O espaço cedido à história de uma jovem que conseguiu fugir do estuprador e o tom heróico com que o jornalista relata os fatos revelam a admiração provocada pela coragem das mulheres:

Crudo testimonio de una joven que se salvó del violador

La víctima se salvó porque no se dejó amedrentar.

[...] de repente, sentí que alguien estaba detrás mío. Cuando me di vuelta, me encontré con este hombre morocho, de rasgos nortños [...]. Así comenzó su relato “Marisa”, la mujer que habló con este diario y le contó cómo se salvó de ser violada por quien hoy se ha convertido en el enemigo público número 1 de Córdoba. [...] También la fortaleza de carácter de la mujer, que por entonces tenía 23 años, tuvo mucho que ver en el resultado. Esto sucedió en octubre de 2001. Ocultando su identidad, la bella estudiante universitaria dialogó hace unos días con *La Voz del Interior*. (*La Voz del Interior*, 31/10/2004)

Além dos poucos casos de resistência física, e sempre utilizando como exemplo paradigmático a história de Ana, a mídia veiculou representações das mulheres que, longe de focar-se exclusivamente no lugar da vítima “sofredora” – que, segundo Melhus (1990), faz parte do ideal hegemônico de feminilidade –, construíram um perfil de vítima “valente”

(Fonseca, 2004). A partir da decisão de publicizar sua experiência, Ana conseguiu construir uma rede de solidariedades e transformar a indignação em mobilizações sociais que resultaram em mudanças institucionais.

[...] el violador serial está suelto y lo va a seguir estando por que goza de algún tipo de inmunidad o privilegio [...] estén alertas [...] Lamentablemente, la única forma que hay de agarrarlo al tipo es con las manos en la masa [...] por eso tenemos que estar preparadas y mentalizadas [...] con mis amigas estuvimos pensando en alguna forma de identificar que a alguien le está pasando algo, y es llevando un silbato en la mano, porque a lo mejor el grito no te sale, pero soplar sí [...] No te expongas a que te pase, porque en media hora un enfermo hijo de puta te puede dar vuelta la vida [...] No te quedes con este mail, no te olvides que le puede pasar a alguna amiga, a tu prima, a tu hermana, a tu novia, a tu hija, A VOS, pasalo a todos tus contactos. (Relato enviado por Ana via e-mail, divulgado amplamente pela mídia).

Na publicização que Ana fez de sua experiência houve uma transgressão dos códigos sociais, pois a conduta habitual num caso semelhante é precisamente a contrária: o silêncio, justificado pela vergonha que o estupro provoca. Nesse sentido, a atitude de Ana de ter desafiado as convenções da vítima – o que implica, em última instância, ter desafiado os atributos de gênero – foi socialmente valorizada. A seguir, outro exemplo das matérias elogiosas publicadas:

[...] Ana es fuerte. Pequeña de talla – apenas un metro sesenta de un cuerpo armonioso y frágil; pero firme en sus convicciones. La voz, se le vuelve de hierro cuando dice que no piensa bajar los brazos. Que peleará “con los mails, con la ayuda de mi familia, de mis amigas”, para que “lo que me pasó no le pase a ninguna otra chica”. Lo que le pasó es algo que no está dispuesta a olvidar, pero tampoco “permitir que me arruine la vida para siempre”.

O estuprador: apenas “um depravado”?

Ficha de un acusado

Nombre: Marcelo Mario Sajen. Edad: 39 años. Hijos: 8 (6 con una mujer y 2 con otra). Seudónimo: “El Turco”. Oficio: Vendía autos robados. Antecedentes: En 1985 fue condenado por una violación y en 1999 estuvo preso por robo calificado y tenencia de armas. (*Clarín*, 31/12/2004)

As primeiras informações certeiras sobre o estuprador serial foram publicadas horas depois da sua captura (28 de dezembro de 2004), após quatro meses de abundantes versões, boatos e conjecturas jornalísticas da mais diversa índole. Durante a perseguição a Sajen, as descrições desse homem sem rosto presente nas conversas de todos os *cordobeses* eram baseadas em declarações das mulheres que sofreram os estupros – algumas delas apontaram alguns detalhes certos e outras, informações imprecisas –, dos policiais e funcionários do Judiciário, que não conseguiam identificar o estuprador, bem como nas próprias pesquisas dos jornalistas, que seguiam hipóteses muito incertas. Algumas das presunções publicadas eram as seguintes:

[...] el depravado mide entre 1,65 y 1,75 metro, tiene marcados rasgos norteños, el cabello negro y corto, es robusto, tiene las manos suaves aunque fuertes, se afeita los genitales, tiene un marcado acento cordobés y utiliza un vocabulario grosero (podría imitar la voz), viste ropa sport o deportiva, elige los lugares antes de atacar a sus víctimas. (*La Voz del Interior*, 23/10/2004)

A publicação de reportagens extensas – a maioria delas, nas edições dominicais – e repletas de especulações sobre o perfil do estuprador permite deduzir que o leitor modelo (Eco, 1986) previsto pelos jornais sente atração pelo mundo do crime ou por seus protagonistas, ou tem fascinação pela intriga e pelo suspense que esses casos provocam. Para tentar satisfazer a avidez desse tipo de informação, *La Voz del Interior* publicou uma sucessão de matérias de página dupla intituladas “El violador serial al desnudo”, “parte I”, “parte II” e “parte III”. A primeira dessas matérias começa assim: “¿Dónde vive? ¿Con quién vive? ¿A qué se dedica? ¿Cuáles son sus inclinaciones sexuales? ¿Cómo es? ¿Es culto o no? ¿Tiene dinero o no? ¿Es policía?”.

A segunda reportagem agrega, abaixo da manchete: “Lo que no dice el identikit / Para la sexóloga Silvia Aguirre, el depravado tiene una personalidad dependiente. Detalles de un caso nunca denunciado”.

As informações veiculadas nessas matérias incluem desde simples dados físicos que, em princípio, poderiam ser úteis para identificar o estuprador numa hipotética situação de risco, até detalhes de escasso valor para a eventual identificação do agressor no espaço público: “El dato de que el enemigo público número uno se afeita los genitales no es menor y la investigación podría reducirse al mundo de los travestis y homosexuales (entre ellos se afeitan) y de los depiladores” (*La Voz del Interior*, 23/10/2004).

Além da duvidosa utilidade desse último dado, chama a atenção a rápida associação, sem maiores explicações, entre os genitais depilados e a homossexualidade, colocando em evidência não só um traço de matriz homofóbica no discurso, mas também que os imaginários sobre a violência operam com a estigmatização de grupos, indivíduos ou lugares considerados *a priori* como perigosos (Reguillo, 1996). Nesse sentido, a “criminalização midiática”¹¹ (Rodríguez, 2001) emite juízos que antecedem as provas e acabam construindo sujeitos suspeitos – os *norteños*, os pedreiros, os homossexuais, os travestis – e tornando essa suspeita a respeito dos “outros” um princípio modulador que penetra capilarmente no tecido social em forma de ameaça.

Infelizmente para a mídia, e também para nossos propósitos analíticos, o suicídio de Sajen impediu conhecer o que Katz (1988) nomeia como “a experiência do estuprador”; ou seja, o papel das suas emoções e as razões da “sua” legitimidade. Numa perspectiva da análise que se focaliza nas qualidades “sedutoras” do crime, e referindo-se aos homicidas, Katz sugere que, algumas vezes, diante da humilhação, por exemplo, o crime constitui para o sujeito o último reduto de respeitabilidade.

Nesse sentido, não são poucos os elementos achados no discurso jornalístico que remetem à pergunta: por que um homem estupra? Ou melhor: o que passa pela cabeça de um homem que abusa sucessivamente de dezenas de mulheres? O *corpus* analisado inclui, efetivamente, pelo menos uma dezena de matérias que tenta responder essa pergunta. Apelando à citação de fontes supostamente legitimadas pelos saberes especializados – entendidos no sentido foucaultiano, como partes dos dispositivos do poder disciplinar –, os jornais construíram seus próprios perfis do estuprador:

[...] de acuerdo a la opinión del especialista (psiquiatra) Diego Courel, (a violência do estuprador) tiene su origen en el pasado. “Seguramente el violador serial ha sufrido algún tipo de maltrato. Tiene una herida psicológica que cicatriza de este modo”, señaló. “No nos olvidemos que (Sigmund) Freud dijo, ya a fines del siglo XIX: ‘Pega a un niño, nace un perverso.’” (*La Voz del Interior*, 25/10/2004)

A linguagem psicológico-psiquiátrica também fornece um rico repertório de expressões para descrever aquele que é considerado um “perigo” para a sociedade. Nesse sentido, a característica mais evidente do discurso em torno de Sajen tem a ver com as palavras escolhidas para nomeá-lo. E, embora a análi-

11. Refere-se ao modo como a mídia incrimina diversos atores sociais, ativando o medo, no contexto de um sistema de controles inscritos na política de tolerância zero.

se especificamente linguística esteja fora do foco deste trabalho, é necessário salientar o uso de determinados termos que ilustram a forma de representar uma alteridade provocadora de espanto, rejeição e intriga.

[...] concentrar mayores esfuerzos en la búsqueda del psicópata sexual [...] a nivel judicial se ignoraba la existencia del depravado. (*La Voz del Interior*, 11/11/2004)

[...] el sátiro trataba de concretar sus oscuras intenciones. (*La Voz del Interior*, 31/10/2004)

Es un desafío encontrar a delincuentes que actúan en soledad, como actuaba este salvaje, que tanto daño ha producido a la sociedad de Córdoba [...], señaló el mandatario cordobés. “Estos tipos son irrecuperables, un tipo que viola a una nenita ustedes creen que se puede recuperar”, se preguntó De la Sota. (*La Voz del Interior*, 29/12/2004)

Também são frequentes as referências ao mundo animal. O livro sobre a história do estuprador serial, escrito por dois jornalistas que trabalharam na cobertura do caso para diferentes meios (Claudio Gleser, de *La Voz del Interior*, e Dante Leguizamón, de *Día a Día*), tem o sugestivo título *La marca de la bestia*. E nas matérias publicadas durante a cobertura abundam os exemplos dessas associações:

[...] actúa como un “tigre cebado”. Mientras no cometa un error, seguirá habiendo pánico en la ciudad. (*La Voz del Interior*, 23/10/2004)

Cuando lo fueron a buscar, el “pájaro” había volado. El fiscal lo había estudiado y sabía que aunque era un violador solitario estaba ante un delincuente nato inmerso en lo peor de la delincuencia. (*La Voz del Interior*, 29/12/2004)

Sabía que lo seguían. Pero como un animal cebado, si tenía la oportunidad de sorprender a otra presa, no la dejaría escurrir. Y debía estar preparado. (*La Voz del Interior*, 30/12/2004)

Se tivéssemos acesso às narrativas das vivências de Sajen, teríamos podido, talvez, enriquecer o leque de “verdades”¹² veiculadas pela mídia com noções mais certeiras e inclusive nos aproximaríamos do conhecimento do homem real, e não apenas da personagem construída no/pelo discurso midiático. E, mais importante ainda, talvez tivéssemos abordado

o problema da violência contra a mulher de um lugar mais completo e complexo. No entanto, e diante dessa impossibilidade, as representações veiculadas em torno do agressor constituem uma via de análise que pelo menos permite refletir sobre a construção social das relações de gênero e da violência sustentada nessas relações.

Considerações finais

“Un doble movimiento parece ser necesario para que las comunidades puedan contener el daño que ha sido documentado en estos relatos: a nivel marco, del sistema político, se requiere la creación de un espacio público que dé reconocimiento al sufrimiento de los sobrevivientes y restablezca alguna fe en los procesos democráticos, y a nivel micro, de los sobrevivientes, exige oportunidades para reasumir la vida cotidiana”. (Das, 2008, p. 162)

No contexto da midiática do social, os meios de comunicação que participaram da cobertura do “estuprador serial” contribuíram decisivamente na criação do espaço público de reconhecimento das vítimas. Mais precisamente, os jornais analisados garantiram determinadas condições que, em virtude das características do próprio caso e de seus protagonistas, viabilizaram a própria existência do evento crítico. Ou melhor, possibilitaram a conversão dos acontecimentos violentos, reconstruídos como tais pelos próprios jornais, num evento capaz de institucionalizar novas modalidades de ação, as quais, a princípio, não eram as esperadas no contexto em que ocorreram.

Para compreender o lugar da mídia nesse processo, é preciso lembrar os seguintes aspectos:

- A ruptura com a “conspiração do silêncio” por parte das mulheres, facilitada pela acessibilidade das ferramentas de comunicação digital, adquiriu seu máximo potencial em consequência da ampla cobertura jornalística do testemunho de Ana, multiplicando sua voz no espaço público. A mídia, por sua vez, favoreceu a criação de um clima de indignação e solidariedade social que pode ter estimulado as outras mulheres a divulgar também suas experiências. Assim, a quebra do silêncio pode ser pensada como um gesto de empoderamento que, uma vez recriado pelos jornais, teve consequências profundas e diversas.

- A irredutível polarização vítima-agressor que se evidencia na cobertura midiática, ainda com as limitações que isso implica para a compreensão da

12. As “verdades” publicadas nos jornais, no sentido foucaultiano, são tipos de discursos produzidos graças a múltiplas coerções e, ao mesmo tempo, produtores de efeitos de poder. Segundo Foucault, cada sociedade tem seu regime de verdade, ou seja, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros.

complexidade do problema das violências, contribuiu para o reconhecimento (Honneth, 2003) automático da condição de vítimas das mulheres, que tiveram seu lugar garantido no discurso jornalístico desde o início do caso. A imagem que a mídia reconstruiu das jovens que sofreram os estupros, em sintonia com a noção de “vítima genuína” (Figueiredo, 2002) que permeia o imaginário social, permitiu às mulheres deixar claras suas reivindicações e confrontar com o Estado a partir de um lugar de absoluta legitimidade. No entanto, também é preciso assinalar que a mídia divulgou representações ambíguas e complexas das mulheres, relativamente distantes das caricaturas cândidas e incautas com que habitualmente são identificadas as vítimas da violência sexual. As mulheres de Córdoba foram retratadas simultaneamente como temerosas e valentes, assustadas e corajosas, vulneráveis e determinadas.

- O caráter de “estupro cruento” (Segato, 1999) dos crimes denunciados e detalhados pela mídia – distinguidos por ter um autor desconhecido que surpreende suas vítimas de forma violenta e inesperada – parece ter contribuído para dar visibilidade às ações do novo movimento social. Nesse sentido, a identificação explícita e permanente dos jornais com “a causa” das vítimas faz pensar até que ponto os jornalistas se posicionaram dentro da chamada “política da

piedade” (Boltanski apud Martins, 1999), que implica a divulgação e o destaque de um problema dado e envolve vítimas para, indiretamente, exigir uma ação capaz de reverter a situação dos afetados.

Mais do que reforçar as desigualdades de gênero, a mídia deu visibilidade ao drama, reforçando a ideia de que a violência contra a mulher é inaceitável e injustificável. Nesse ponto, e ainda quando se produziu – por causa da reiteração e espetacularização dos crimes – uma espécie de trivialização discursiva dos estupros, considero que a mídia teve, em termos gerais, um discurso crítico contra a violência de gênero. O objetivo dos jornais não era refletir sobre as razões culturais desses crimes; no entanto, em termos de criação de consciência e desprivatização das diversas formas da violência, parece ter havido um aporte significativo.

Em síntese, a mídia proporcionou as condições de visibilidade e comunicabilidade necessárias para que o acontecimento se tornasse um evento crítico. A mídia não fez apenas a crônica da irrupção da violência no cotidiano das mulheres, mas também viabilizou o confronto das mulheres com o Estado e tornou visíveis as estratégias de resistência ao poder disciplinador. Nesses jogos de confrontação e resistência, a mídia ocupou um lugar fundamental.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CALDEIRA, Tereza P. *A cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp/Editora 34, 2003.
- COULOURIS, Daniella Georges. A construção da verdade nos casos de estupro. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH/ SÃO PAULO, 17. *Anais...*, Unicamp, 2004.
- DAS, Veena. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press, 1995.
- DAS, Veena; ORTEGA, Francisco. *Sujetos del dolor, agentes de dignidad*. Colombia, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2008.
- ECKERT, Cornélia. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: MINAYO, M. C. de S.; COIMBRA JR., C. (Orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p. 73-102. (Coleção Antropologia e Saúde).
- ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Vítimas e vilãs, monstros e desesperados: como o discurso judicial representa os participantes de um crime de estupro. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 3, n. 1, jul./dez., 2002.
- FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Historia de la sexualidade*. 1 - La voluntad de saber. Buenos Aires: Siglo XXI, 1990 [1976].
- _____. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- _____. *Arqueologia do saber*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GLESER, Claudio; LEGUIZAMON, Dante. *La marca de la bestia*. Córdoba: El Emporio Ediciones, 2005.
- GREGORI, M. Filomena. *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e prática feminista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Anpocs, 1993.
- GROSSI, Miriam. Gênero, violência e sofrimento. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis: UFSC/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1998a. p. 1-22.
- _____. Rimando amor e dor: reflexões sobre violência no vínculo afetivo-conjugal. In: GROSSI, Miriam P.; PE-

- DRO, Joana M. *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998b. p. 293-313.
- HONNETH, Axel. *Lutas por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- KATZ, Jack. *Seductions of crime: moral and sensual attractions in doing evil*. New York: Basic Books, 1988.
- LACLAU, Ernesto. *Breves reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1993.
- MACKINNON, Catharine A. *Feminism unmodified: discourses on life and law*. Cambridge: Harvard University, 1987.
- MARCUS, Sharon. Cuerpos en lucha, palabras en lucha: una teoría y una política para la prevención de la violación. *Revista Debate Feminista*, México: Metis Productos Culturales, ano 13, v. 26, 2002.
- MARTINS, Elaine Duim. *A mídia e a saúde do trabalhador: a experiência de um sindicato na luta pela saúde - um estudo de caso*. 1999. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 1999.
- MELHUS, Marit. Una vergüenza para el honor, una vergüenza para el sufrimiento. *Simbólica de la feminidad: la mujer en el imaginario mítico-religioso de las sociedades indias y mestizas*. Quito: Abya-Yala - Movimiento Laicos para América Latina, 1990. p. 39-71. (Colección 500 años, 23).
- MENEGHEL, Stela et al. Cotidiano ritualizado: grupos de mulheres no enfrentamento à violência de gênero. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.10, n.1, p.111-118, 2005.
- MOTTA, Flávia de Mattos. A morte na janela: a ideia de morte em representações contemporâneas de estupro. In: MINELLA, Luzinete Simões; FUNCK, Susana Bornéo (Orgs.). *Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.
- ORTNER, Sherry. *Making gender: the politics and erotics of culture*. Boston: Beacon Press, 1997.
- _____. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam, ECKERT, Cornelia; FRY, Peter (Orgs.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 45-80.
- REGUILLO, Rossana. Los lenguajes del miedo ¿nuevos escenarios, nuevos? *Revista Renglones*, n. 35, Guadalajara, p. 69-74, 1996.
- RIAL, Carmen. Guerra de imagens e imagens da guerra: estupro e sacrifício na guerra do Iraque. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, p. 14-49, 2007.
- RODRÍGUEZ, Esteban. La realidad según los medios. Criminalización mediática y políticas de seguridad. La gestión de la (in)seguridad ciudadana. *Los Oficios Terrestres*, La Plata: Facultad de Periodismo y Comunicación Social, Universidad Nacional de La Plata, n. 9/10, p. 27-34, 2001.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SARTI, Cynthia; BARBOSA, R. M.; SUAREZ, M. M. Violência e gênero: vítimas demarcadas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 16, p. 167-183, 2006.
- SEGATO, Rita Laura. A estrutura de gênero e a injunção do estupro. In: BANDEIRA, Lourdes; SUÁREZ, Mireya (Org.). *A violência sexual no Distrito Federal*, Brasília: Paralelo 15, 1999.
- SOARES, Bárbara Musumeci. A antropologia no executivo: limites e perspectivas. In: CORRÊA, Mariza (Org.). *Gênero & Cidadania*, São Paulo: Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero, Unicamp, p. 31-45, 2002.

Imaginarios mediáticos de un evento crítico: el “violador serial” de Córdoba (Argentina)

Resumen

Este artículo analiza el lugar de los medios de comunicación en la construcción de un “evento crítico” públicamente conocido como “el violador serial de Córdoba” (Argentina); un caso protagonizado por un hombre que abusó de 93 mujeres jóvenes en esa ciudad. Entre los tópicos que funcionan como lógicas organizadoras del discurso periodístico y que atraviesan la enorme cobertura, se destacan la consideración de la violación como un sufrimiento repentino y como quiebre de lo cotidiano, la caracterización de las mujeres al mismo tiempo como víctimas y valientes, y la representación del hombre a partir de imágenes animalizadas o patologizadas. Las ideas aquí presentadas - desarrolladas en el contexto de la antropología de los medios - surgen de una etnografía de los textos publicados, sustentada en la premisa de que el discurso mediático es un conjunto de representaciones que tanto relatan como construyen mundos sociales.

Palabras clave: evento crítico; violación; medios de comunicación; imaginarios; género.

Mass media's imaginaries of a critical event: the “serial rapist” of Córdoba (Argentina)

Abstract

This article analyzes the place the mass media has in the building of a “critical event” commonly known as “the serial rapist of Córdoba” (Argentina); this case portrays the abuse of 93 young women in that city. What stands out among the main topics that function as organizers of journalistic discourse is the consideration of rape as a sudden pain and as breakup up of the everyday life, the characterization of women as victims and courageous at the same time, and the characterization of man with pathologized or animalized images. The ideas exposed - situated in the context of the anthropology of mass media - emerge from an ethnography of the coverage which understand the mass media discourse as a set of representations that both describe and construct social worlds.

Keywords: critical event; rape; mass media; imaginary; gender.

Data de recebimento do artigo: 10/05/2011

Data de aprovação do artigo: 29/07/2011